

Adrienne Krapp Figueiredo



Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

**Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**

Porto, 2020

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Adrienne Krapp Figueiredo



Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestrado em Criminologia, sob orientação da Professora Doutora Ana Sani.

Porto, 2020

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Resumo

Considerando o avanço contínuo da criminalidade em expansão, discute-se na presente dissertação, a relação que hoje se percebe entre a insegurança e o sentimento de vitimação entre a comunidade investigada.

Para isso, é necessário discutir quais são os pontos de interferência relacionados a este sentimento, ou seja, que motivos e atribuições da sociedade ou determinado grupo tem para ter mais medo, ou menos medo, ou para sentir mais ou menos segurança na sua comunidade.

O trabalho assume o papel investigativo a ponto de descobrir destas pessoas, que serão alvo do inquérito, em que momento surge o sentimento de insegurança. Se é possível que a criminalidade seja um dos fatores de origem do medo, se o medo decorre de fatores de influência externa (mídia ou histórias contadas por pessoas próximas que sofreram algum tipo de violência) ou se o medo decorre de ambos os fatores. Esta investigação exige uma aproximação entre o que já se sabe sobre o sentimento de (in)segurança através de literatura científica, sem, no entanto, perder as informações oriundas da própria investigação ou dos fatos que decorrerem dela.

Para ter acesso ao maior número de informações possíveis, optou-se por uma investigação exploratória, onde 37 indivíduos responderam ao questionário diagnóstico deste estudo.

Certamente, esse trabalho é extremamente relevante para ter um conhecimento mais próximo às consequências que o medo exerce sobre sociedade. A mídia pode ser um fator influenciador importante não só para que se instaure o medo, mas também para que a própria criminalidade tenha um aumento significativo e para que as pessoas também façam inoportunas modificações no seu modo de viver. E tudo isso impacta na realidade de toda uma sociedade.

Palavras-chave: Criminalidade; Insegurança; Medo.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Abstract

Considering the continuous advance of crime in expanding cities, this dissertation discusses the relationship that is perceived today between insecurity and the feeling of victimization among the investigated community.

For this purpose, it is necessary to discuss the points of interference related to this feeling, in other words, what motives and attributions of the society or group have to be more afraid, or less afraid, or to feel more or less safe in their community.

The work assumes the investigative role to the point of discovering these people, who will be the target of the survey, at which time the feeling of insecurity arises. Whether it is possible that crime is one of the source factors for fear, if fear stems from factors of external influence (media or stories told by close people who have experienced some kind of violence) or if fear stems from both factors. This investigation requires an approximation between what is already known about the feeling of (un) security through scientific literature, without, however, losing the information derived from the investigation itself or the facts that follow from it.

To have access maximum information as possible, an exploratory investigation was chosen, where 37 individuals answered the diagnostic questionnaire of this study.

Certainly, this work is extremely relevant to know more about the consequences that fear has on society. The media can be an important influencing factor not only for fear, but also for crime to rise significantly and for people to make unwelcome changes in their way of life. And all of this impacts the reality of an entire society.

Keywords: Crime; Insecurity; Fear; Media

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Ao Bernardo, que é a minha força. Talvez eu não tivesse coragem de estar aqui hoje se ele não tivesse me mudado profundamente quando me fez mãe.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

“A sociedade é dependente da crítica às suas próprias tradições”

Jurgen Habermas

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Deus por sempre ter cedido aos meus pedidos. Eu tinha um sonho e esse sonho se realizou pelas promessas Dele. Eu não sei o que realmente seria sem a presença Dele na minha vida. Sou grata de corpo, coração e alma sempre. Ele me permitiu ser um pássaro e voar para onde quis, apesar de tudo o que aconteceu na minha vida. Quando muitos disseram que eu não poderia mais, Ele colocou sua graça sobre a minha vida e disse que eu poderia qualquer coisa que quisesse porque Ele estaria comigo e Ele me permitiria e eu somente precisava Dele e de mais ninguém. Meu humilde agradecimento desta filha.

À Universidade Fernando Pessoa, que me deu a oportunidade de estar aqui de alguma forma e me recebeu em Portugal de braços abertos, como o bom Cristo Redentor faria no meu Estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Fui ajudada por muitas pessoas aqui para que eu também pudesse alcançar estes objetivos. Obrigada aos portugueses que intercederam por mim.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Ana Sani, que fez um trabalho magnífico e explorou partes da minha força que eu não sabia que tinha e me ajudou nesse caminho, apesar dos pesares, sempre se prontificando a ajudar. Sem dúvidas, é das melhores orientadoras que se pode ter. Humilde, paciente e dedicada. Uma das pessoas mais competentes que conheci na vida acadêmica.

Aos meus avós, que me deram força para estar aqui e me apoiaram em tudo. Sem o amor incondicional deles, eu não seria nada. O amor deles foi fundamental e sempre será na minha vida.

Aos meus pais, que são a minha luz e estiveram comigo também, e muitas vezes, à distância. Sou uma errante saudável por conta do que vocês me ensinaram. Perfeitos opostos que proporcionaram o equilíbrio necessário que me permitiu ser livre de coração e alma.

Agradeço ainda ao meu filho, meus irmãos, meus tios, meus primos e meus amigos próximos.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Àqueles que sempre torceram por mim, vocês têm um lugar especial no meu coração. Gostaria de ter espaço para tantos professores que me acompanharam desde o primário. Os que não me lembro e os que me recordo com tanto carinho que, quando me refiro a algum tipo de conhecimento, faço referência carinhosa e singela a quem me ensinou.

A estas pessoas, minha eterna gratidão. Eu não seria quem sou, eu não teria o que tenho ou sentiria o que sinto. Obrigada, obrigada e obrigada.

O coração grato é imã para as coisas maravilhosas que a vida pode proporcionar.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Índice

Introdução.....	1
Parte A – Enquadramento Teórico	5
Capítulo I – O medo, a criminalidade/violência e a mídia	6
1.1 Conceitos de medo e crime	7
1.2 O cenário sócio-político brasileiro em relação à criminalidade	10
1.3 Sentimento de insegurança e criminalidade através da mídia	15
1.4 Crime e vitimação sob a perspectiva de estudos feitos no Brasil	18
1.5 O papel do ISP (Instituto de segurança pública) para o diagnóstico de violência e controle criminal	21
Parte B – Contribuição empírica	23
Capítulo II - A Análise prática da insegurança através do Inquérito Investigativo	24
2.1 Pesquisa empírica.....	25
2.2 Objetivos	25
2.3 Método.....	26
2.3.1 Participantes.....	26
2.3.2 Material e Procedimento.....	27
2.4 Apresentação dos resultados	28
2.4.1 Dos dados socio-demográficos	28
2.4.2 Da percepção de segurança/insegurança	29
2.4.3 Da vitimação dos participantes e conhecidos	35
2.4.4 Do controle social.....	37
2.4.5 Participação Comunitária	42
2.5 Discussão dos resultados	44
Conclusão	52
Referências	56
Anexos.....	63

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Índice de Abreviaturas

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

DLS – Diagnóstico Local de Segurança

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPI – Imposto Sobre Produto Industrializado

ISP – Instituto de Segurança Pública

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos participantes por bairros de residência	28
Tabela 2 - Distribuição dos participantes quanto ao sexo	28
Tabela 3 - Percepção de segurança/insegurança	29
Tabela 4 - Fundamentos da percepção de segurança/insegurança	30
Tabela 5 - Percepção da evolução da criminalidade	31
Tabela 6 - Distribuição dos crimes percebidos como mais frequentes	32
Tabela 7 - Distribuição dos crimes percebidos como temidos	33
Tabela 8 - Condições percebidas como favorecedoras do crime.....	34
Tabela 9 - Incivildades identificadas pelos inquiridos	35
Tabela 10 - Percepção da ação dos agentes de segurança	38
Tabela 11 - Fundamentação da percepção da ação dos agentes de segurança	38
Tabela 12 - Grau de satisfação em relação à atuação dos agentes de segurança	39
Tabela 13 - Fundamentação do grau de satisfação em relação à atuação dos agentes de segurança	40
Tabela 14 - Frequência do recurso ao apoio dos vizinhos	41
Tabela 15 - Frequência do recurso ao apoio de entidades	42
Tabela 16 - Da disposição para colaboração por parte dos participantes.	43
Tabela 17 - Da relação dos participantes com as comunidades a que fazem parte	44

Índice de Anexos

Anexo I – Gráfico do ISP sobre índices de criminalidade em Niterói

Anexo II – Questionário DLS

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Introdução

A presente dissertação estuda a forma como a comunidade age em resposta às taxas de criminalidade e ao medo que surge das ocorrências criminosas, procurando compreender até que ponto a vitimação poderia ter como consequência um medo e se este medo surge de forma consciente ou inconsciente. Portanto, esta pesquisa tem como principal objetivo descobrir como o sentimento de insegurança pode afetar vitimação e crime.

Esta pesquisa tem o condão maior da cultivação do hábito de pesquisar para se buscar profunda análise sobre problemáticas sociais voltadas ao crime, procurando esclarecer às pessoas dos desdobramentos das problemáticas sociais, bem como transformar os problemas encontrados em soluções humanas.

Cultiva-se a responsabilidades de investigar os dados da criminalidade de uma comunidade (Região Oceânica de Niterói), assim como compreender o sentimento de insegurança das pessoas. Várias questões de investigação formam surgindo em torno da análise ao sentimento de insegurança. Perguntamo-nos se esse sentimento condiz com os dados coletados pelos estudos tecnico-científicos obtidos pelo Instituto de Segurança Pública da região; se esse sentimento conversa com o crescimento do crime; até que ponto a mídia consegue alterar esse sentimento nas pessoas. Assim, este trabalho busca conhecer os dados de criminalidade e perceber quais as consequências que essa relação pode trazer para a própria ordem social.

O estudo empírico realizado, com o fim de permitir analisar a percepção de crime e o sentimento de insegurança o fará com o auxílio das abordagens mais teóricas, realizadas por outros renomados autores aproveitando uma sensibilidade maior na análise destes aspectos. Assim, teremos não só uma análise mais teórica, mas também prática que nos permitirá perceber a relação entre variáveis.

Junto aos dados principais obtidos através do questionário investigativo DSL, haverá ainda a disposição do chamado Instituto de segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP),

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

que poderá ainda trazer diversas possibilidades de analisar destas facetas e, em concomitância ao estudo qualitativo, dará uma expansão na análise da investigação.

A análise principal é do entendimento do medo e seu relacionamento com a criminalidade. Para atingir este objetivo, a pesquisa foi totalmente estruturada para tentar compreender passo a passo a temática deste trabalho e buscar compreender de que modo é possível implementar medidas para se conter o sentimento de insegurança e até a instabilidade social relacionada a isto.

Importante ressaltar que o contexto aqui abordado é extremamente específico e relacionado a esta comunidade. Este trabalho pode ter uma abrangência muito maior, se analisado em determinação de áreas específicas, posto que cada comunidade tem suas especificidades relacionadas ao medo, à criminalidade, às questões sociais, entre outros liames que podem perfeitamente ser analisados através do inquérito utilizado para responder a esta pesquisa.

Por isso, é necessário o entendimento de que, para cada comunidade, deve existir um estudo próprio. A realidade ou o contexto a que esta investigação está inserida não pode ser compreendida separadamente à esta mesma realidade. Para isto, é importante dizer que cada comunidade tem sua própria organização estrutural e seus próprios problemas sociais, não convindo fazer uma comparação científica destes dados com outras comunidades que podem ter problemas e soluções diferentes desta.

O trabalho se dividirá em temas apartados, através dos capítulos, onde o Capítulo 1 trará abordagens conceituais sobre o medo, a criminalidade e alguma noção sobre como pode a mídia ter alguma interferência nestes fatores. O Segundo trará os resultados da investigação feita com o inquérito e os dados reais relacionados à insegurança, tratados pelo ISP e finalmente, a conclusão trará dados baseados nas investigações, que possam contribuir com a resolução da problemática apresentada.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Desta forma, será preparada uma análise crítica deste tema para que, ao final, se possa concluir como pode ser dada a tentativa de amenizar os problemas sociais causados pela criminalidade.

O sentimento de insegurança e a mídia é um tópico menos abrangente que também será colocado em pauta de forma menos agressiva, uma vez que esta é uma questão que pode ou não influenciar algumas pessoas, mas é sempre alvo de discussão entre as comunidades. A criminalidade existe, de fato, portanto será o ponto de partida para todo o restante da pesquisa.

A importância desta análise investigativa está não só na base para estudos futuros que pode oferecer, mas também para uma possível possibilidade de amenização do problema nesta comunidade objeto da análise.

De forma conclusiva, abordam-se os pontos fundamentais, pois assim haverá possibilidade de entender que tipos de limitações separam uma resposta segura para que criminalidade e medo possam dar respostas para que as comunidades possam se reestruturar e gerar melhorias no sentido social e científico.

Parte A – Enquadramento teórico

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Capítulo I

O medo, a criminalidade/violência e a mídia

Capítulo I – O medo, a criminalidade/violência e a mídia

1.1. Conceitos de medo, crime e mídia

A iniciar pelo conceito do medo, sabe-se que, desde pequenos e também por um fator histórico, ter medo é comum e, mais do que isso, é biológico (D'Adesky, 2005; Fonseca, 2011).

Segundo Bauman (2008, p. 8), ‘medo é o “nome que damos às incertezas: ignorância da ameaça e do que deve ser feito. Vivemos numa era onde o medo é sentimento conhecido de toda criatura viva ou não.”

Boldt (2013) assume que este tema tem um grau de importância gritante, sobretudo neste século XXI em que os conteúdos são rapidamente veiculados e uma vez que é através do medo que a sociedade passa a aceitar com muito mais facilidade medidas que não tem nenhuma relação com a lei maior ou com as ideias centrais das próprias leis, que de fato, tem o real apelo moral ou ético. Desta forma, aceitam situações contrárias às suas leis e costumes, justificando tais medidas pelos seus próprios medos sem dar conta aos princípios basilares legislativos e constitucionais.

É sabido que o medo pode surgir das mais variadas maneiras e que, além de tudo ele é uma parte biológica do nosso sistema emocional. O cérebro usa o medo para afastar os seres vivos em geral de situações que possam colocar a vida em risco. É biológico. Mas, hoje, também é social. O medo do crime, segundo Garofalo (1981 p. 840 e 856) apresenta-se como sendo um sentimento de ansiedade para com o perigo existente em que, apesar de impossível de ser retirado da sociedade hoje pelas proporções em que tomaram, é necessário para que elas, então tomem medidas de precaução para se prevenirem contra atitudes criminosas. Contudo, existe um limite necessário para tanto.

O limite é aquele em que se observa que o medo atrapalha na obtenção de medidas socioeducativas e passa a apresentar medidas punitivas ou repressivas para a parte da sociedade excluída, gerando guerras internas e sociais de difícil reparação.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

A sensação de insegurança sobre o crime é uma forma de antecipar a angústia e ansiedade de vir a se tornar uma vítima de determinado crime. O que não quer dizer que exista uma relação direta com a probabilidade real de sê-lo, ou seja, na maioria das vezes o medo e o índice criminal não tem uma relação óbvia. O que acaba resultando em uma diminuição significativa da qualidade de vida não só pessoal, mas quando isso se torna uma problemática social, obviamente, passa para uma esfera superior, onde o medo afeta a todos (Dantas, Silva Júnior e Persjin, 2006).

A principal causadora desta sensação de insegurança provavelmente será a mídia, que, causando tal medo em sociedade, de forma massiva, atinge uma população que, em sua maioria, não tem filtro para informações ou formas de analisar criticamente o que se passa na televisão ou nos canais de reportagens. É preocupante a forma como as imagens são propagadas, gerando desconforto e causando um impacto negativo, que, pelo visto, não tem sido alvo de preocupação pelos grandes veículos de informação (Bayer, 2013).

A televisão tem usado fortemente um conteúdo massivo e chocante não só para assustar, mas como para justificar sua própria existência. Obviamente, é possível destacar que os veículos de informação são, hoje em dia, sensacionalistas e, acima de trazer informação, querem vendê-la. A preocupação com a informação em si não é mais um bem maior, mas o que advém dele, o que vende através dele, passa a ser a grande meta do capitalismo midiático.

Assim, passa-se a construir inimigos e fantasmas, deixando-se levar por todo tipo de informação que é imposta, sem nem, ao menos, questionar a real veracidade dos fatos. É inegável que se vive hoje uma realidade, em sociedade, violenta, com altos índices de barbáries, mas o problema não está na prevenção de possíveis ameaças, mas em começar a considerar que tudo e todos possam ser possíveis destruidores em massa ou criminosos perigosos que estão à procura de alguém para violentar de alguma maneira. Ou seja, o que está sendo feito em sociedade hoje é viver em alerta constante, fazendo a

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

exclusão de pessoas e julgando por medo do perigo que absolutamente qualquer coisa possa trazer. Não há nenhum filtro para informações.

Pode-se observar através das construções físicas da cidade e das defesas de todo indivíduo que a carência da proteção não é mais o motivador de se ter tanto medo, mas o próprio sentimento enraizado. O que mais se percebe hoje é a proteção exacerbada. Pessoas crescem dentro de condomínios que, no Brasil, são como cidades, com escolas, ônibus próprios, redes de restaurantes e quase tudo o que se possa imaginar, para que não seja necessário “sair de casa” de fato. Tudo funciona entre grades. A falta de clareza é um dos principais causadores destas mudanças. A motivação, por trás de tudo isso, por sua vez, é o controle social e o lucro das grandes empresas (Glassner, 2003). Estas situações declinam em crise da falta de confiança comum.

Lira (2017) acredita que a violência é um dos maiores monstros da sociedade atual no Brasil, depois do sentimento de insegurança. Diversos estudos têm tratado do medo da violência como sendo o registro de um comportamento social contemporâneo e essa conclusão tem-se provado preocupantemente verdadeira.

A violência reflete diretamente no medo da sociedade. Desta violência e consequente medo, o mais comum a ser observado é junto com ela, a mudança das arquiteturas do país, ou seja, o aparecimento de mais muros e cercas e novos modos de viver, sempre trancados dentro de suas próprias residências e saindo de casa pensando em voltar intacto de saúde, mergulhando, com estes pensamentos, na segregação social (Lira, 2017).

Questiona-se, então, se o crime está sofrendo um aumento ou diminuição, os tipos de crimes que mais aparecem, se o sentimento de insegurança aumenta e quem são os indivíduos que o percebem. Necessário perceber que os aspectos relacionados ao medo foram percebidos como um evento que não tem uma base lógica em grandes estudos realizados (Fonseca, 1998; Machado 2004). Foi quando se percebeu ainda que era necessário o início de novos estudos que pudessem analisar o surgimento do medo em

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

detrimento da insegurança em relação ao crime (Manita e Machado, 1999). Desta forma, muito se constatou que, na verdade, o medo e a criminalidade não tinham uma relação óbvia, ou seja, nem sempre as maiores ocorrências criminosas eram as que mais causavam medo na população local ou os períodos do dia mais temidos tinham uma relação direta com um maior número de delitos praticados. Estes eram somente um dos milhares de paradoxos que apareceriam nesta ocasião de análises do comportamento social (Manita, 1997; Manita e Machado, 1999; Neves e Fernandes 1999).

O cerne desta questão é que modo de viver acaba se diversificando a ponto de criar segregações que, por sua vez, criam guerras sociais desnecessárias, alimentadas por fundamentos ilegítimos.

1.2. O cenário sócio-político brasileiro em relação à criminalidade

A humanidade é um organismo que detém elementos culturais que fazem parte da sua própria construção, inclusive as sentimentais, reflexos dela mesma (Baierl, 2004; Caminhas, 2006; Melo 2008).

Acredita-se que o medo é considerado uma característica saudável que mantém os seres em geral longe de todo tipo de ameaça da natureza, contudo, a excessividade desse sentimento perpetua a desconfiança, a violência, e esta investigação tem a ânsia de configurar, como consequência disto, o aparecimento da criminalidade.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE, 2015) conseguem comprovar que o aumento na busca pelo setor de segurança privada que atravancam a busca pelos direitos fundamentais, ao passo que contribuem para o aumento do afastamento entre as classes sociais, uma vez que, transferindo o uso legítimo da força do Estado para o cidadão particular, o mesmo fica sem domínio suficiente sobre essa segurança e banalizado a vida humana em prol de se sentir mais seguro em sociedade, ainda que sem qualquer preparo para utilizar corretamente tais mercadorias.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Segundo Musumeci (1998), o medo é detentor da capacidade de alicerçar consequências aterrorizantes, como a própria ameaça aos direitos humanos. Ainda existem aqueles que defendem a transferência das funções de segurança para a iniciativa privada, embasando-se em argumentos, segundo Krigger (2013, p.70) como: “a) comprovada incapacidade de o Estado deter o avanço da criminalidade nos grandes centros urbanos; b) a ineficiência da segurança pública (e dos serviços estatais de um modo geral), em termos de relação custo-benefício; c) a inoperância concreta dos mecanismos protetores de que o indivíduo dispõe contra os abusos do Estado, mesmo em países democráticos [...]d) a “disciplina” rigorosa que o mercado impõe sobre as empresas privadas de segurança e estas sobre o comportamento de seus agentes: omissão e abusos implicam perda de mercado, logo perda de lucros; serão, portanto, mais eficazmente coibidos; e e) a possibilidade de aliviar o Estado e os contribuintes da pesada carga que representa a manutenção do sistema carcerário, transformando-o em empreendimento produtivo e lucrativo, capaz de operar a custos mais baixos e garantir uma gestão mais racional e segura desses espaços.”

É relevante perceber que a complexidade deste tema também se dá pela situação atual do país que, com as atuais políticas públicas, as recentes trocas objetivadas pelas eleições e a personalidade forte dos posicionamentos do novo presidente Jair Bolsonaro, divide o país no sentido de não saber se a liberação do armamento é uma positiva, transferindo a responsabilidade estatal pela segurança pública, para o particular. O fato é que o descrédito estatal no sentido de dar segurança ao cidadão está cada vez mais latente. Em um período de dez anos, o número de pessoas ocupadas na atividade de vigia e guarda no Brasil aumentou 111,9% (Musumeci, 1998).

Muito se discute sobre o fato relacionado ao armamento. Tudo o que se precisa fazer exige uma série de obrigações e/ou exigências que acabam excluindo grande parte das pessoas da sociedade, portanto são variadas as questões que excluem os menos favorecidos financeiramente da oportunidade; até mesmo da segurança privada. Avalia-se que apenas “[...] indústrias, comércio e condomínios fechados mantêm, hoje,

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

aproximadamente um milhão e trezentosmil trabalhadores na segurança privada, que vem tendo um incremento de 30% ao ano.” (Melo, 2008, p. 1). Ainda, por serem esses menos beneficiados, geralmente também são os que vestem o rótulo de figuras marginalizadas, como apresentado anteriormente. Essas duas consequências marginalizadoras fazem com que esses grupos, além de não poderem se proteger da violência pela iniciativa privada, sejam culpabilizados pelos grupos dominantes, bem como pelo próprio Estado.

A arte política, por sua vez, aproveita-se da insegurança ou do sentimento construído em cima dela, para contruir, seus discursos que, na maioria das vezes, não são postos em prática quando de uma eleição efetivada. Passa a fazer parte das estratégias eleitorais a construção simbólica de um cenário de violência contraposta a propostas repressivas como solução à violência construída. A lógica deles é simples: se torna muito mais fácil implantar policiamento ostensivo nas chamadas “*áreas de risco*” do que distribuir os direitos básicos a toda a sociedade, tal qual a saúde, educação, trabalho e lazer em áreas pobres (Caminhas, 2006; Glassner, 2003).

Adolescentes, na maioria das vezes, pobres e negros, que são as figuras hostilizadas, acabam se tornando os principais alvos da repressão e punição, o que é amplamente divulgado em resultados de pesquisas variadas sobre violência, provando que maior parte de pessoas que fazem parte destes estudos são a favor da redução da maioridade penal (Jornal Datafolha, 2015). O problema está justamente na legitimação de políticas que impedem as leis de funcionarem regularmente. As que existem já não cabem mais em sociedade, reflexo da insegurança em que vivem (Almeida, 2008).

As altas taxas de apresentação dos crimes que são praticados com sinais de violência na mídia contribuem para que os telespectadores tenham a percepção de que a violência é maior do que ela muitas vezes é.

Ao apresentar crimes violentos a uma sociedade mal informada, contribui para que a coletividade se sinta insegura em relação ao que não conhece, afetando pessoas

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

estereotipadas socialmente como sendo marginais (Caminhas, 2006; Glassner, 2003). É quando os obstáculos físicos começam a surgir, fazendo emergir os muros, as cercas elétricas, circuitos de segurança todo tipo de barreira entre comunidades (Caminhas, 2006; Caldeira, 1997).

Sobre outros pontos de vista que acabam gerando a segregação social, temos o fator financeiro, onde o arrecadamento tributário de armamento, por exemplo, no Brasil, feito através do IPI (Imposto sobre produtos industrializados), que gira em torno de 45% e ICMS (Imposto sobre Circulação de mercadorias) que está em torno de 200% sobre o produto bélico, ou seja, sequer a população terá acesso à segurança proposta. Impossível para grande parte da população se defender, de acordo com as propostas políticas apresentadas pelo atual governo (Jornal Datafolha, 2015).

Existem inúmeras propostas do atual presidente do Brasil no sentido de diminuição de criminalidade como as mudanças em relação em excludentes de ilicitude, maioria penal – que deseja diminuir para 16 anos –, dificultar progressão de regime etc.

O fato é que no meio à imensidão de informações e, ao mesmo tempo, despreparo da maior parte da população e do próprio parlamento ou entidades políticas, o país fica dividido entre resistência e oposição ao atual cenário político (Jornal Datafolha, 2015).

O que se enfrenta hoje é a ineficácia estatal em controlar a violência e a criminalidade e deixando literalmente nas mãos do próprio cidadão a responsabilidade de se defender sem preparo e com os ânimos exaltados. Estes fatos tornam-se ingredientes perfeitos para que a sociedade viva um impasse que não consegue controlar.

Além de todas estas informações, impossível não mencionar que os projetos políticos relacionados ao poder bélico dado ao particular, do atual presidente, foram considerados inconstitucionais pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (2019), em variados pontos, dando ênfase no despreparo não só jurídico de quem o fez como também evidencia a falta de estudo crítico e profundo antes de apresentar planos ao

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

povo de classe alta, uma vez que os planos políticos não abrangem a pessoas que vivem às margens da sociedade.

Em sua maioria, negros e pobres, sofrem a chamada violência institucional, sem acesso aos direitos basilares e com direito somente à intensa repressão por todos os âmbitos, inclusive policial e judicial. Além da violência simbólica sofrida, ao serem responsabilizados pela violência, são injustiçados na própria pele, obrigados a aguardarem por penas que, muitas vezes, não cometeram. Inclusive, por este motivo surgiram as chamadas audiências de custódia. Observou-se que milhares de presos, o foram por motivo algum ou sem necessidade, além de sofrerem violências no momento de suas prisões (Portal CNJ, 2015). Mitos sobre violência e teses equivocadas são utilizados para legitimar a inclinação do sistema a uma maior abordagem e punições sobre os marginalizados injustamente.

Das conclusões que se pode tirar do que foi desenvolvido, temos que quem tem baixo poder de consumo não pode acessar os bens materiais da segurança privada para se proteger. Além disso, o medo é manipulado com o intuito de garantir votos pelo recrutamento de adeptos a uma cruzada contra a criminalidade, ou seja, as pessoas se defendem da violência com mais violência.

Também existe violência em se morar perto de vizinhanças que tem alto poder aquisitivo quando não se é garantidos ao restante que assiste às margens, os mesmos direitos (Pedrazzini, 2006).

A violência não é assim facilmente desvendada, ou, menos ainda suas causas e consequências. São muitas e complexas. Importante que se lembre das raízes morais da criação de positivismo para que, ao ser dado à sociedade, este pacto social não acabe induzindo à imoralidade de que não deriva da lei maior. Mesmo neste cenário, não se torna complexo decidir entre as armas e a educação.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Toda esta discussão fora pautada na recente campanha política do atual presidente para afirmar que tal decisão faria parte de política de segurança do seu governo. Segundo ele, pessoas sem fichas criminais, ou seja, sem nenhum registro de já terem passado por algum ilícito penal, poderiam ter posse de armas em suas casas.

Portanto, o que se pode auferir com tudo isso é que a violência, de fato, tem incomodado o cidadão brasileiro, tanto quanto a mídia dá importância a isso, gerando assim os agravantes relacionados ao fato de a população sequer estar certa sobre distribuir a todos o direito de se defender com os próprios punhos e já vivendo em situação de medo constante.

1.3. Sentimento de insegurança e criminalidade através da mídia

A mídia tem responsabilidade imensa no campo político, social e econômico de toda sociedade, pois é quem tem capacidade de impulsionar formas de pensar em massa. O crime, por sua vez, despertando a curiosidade social, atua sobre a fragilidade emocional do indivíduo.

A crise de credibilidade política contribui fortemente neste cenário. Costuma-se dizer, no Brasil, que o roubo vem de cima para baixo, como se os políticos estivesse acima e não ao lado da população e servindo-a.

A curiosidade pela narração dos acontecimentos sensacionalistas e suas possíveis consequências acabam por ser uma das causas de uma nova cultura de violência, em que essa aparece como um fato cotidiano.

Bauman (2008, p.18) crê que riscos são perigos conjecturáveis e situações de risco podem tanto ser previstas, quanto remediáveis. Ainda assim, pode nem existir a situação de fato.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Ao mesmo tempo em que o sentimento de insegurança pode ser propagado de forma negativa, poderia também ser usado como força aliada ao descontentamento, auxiliando na mudança. Assim, as consequências que antes seriam a distribuição de material bélico para a sociedade cuidar da própria segurança, ou levantar muros, propagar paradigmas, preconceitos e subir muros afetando na segregação social, poderiam ensinar ou auxiliar em uma solução.

Obviamente, não se pode ignorar a existência do medo, vez que a violência existe, mas o questionamento é crucial. A busca pelo conhecimento dos fatos é crucial e a preocupação dos veículos de informação também é crucial para uma sociedade mentalmente saudável. A mídia precisa dar importância para a veracidade dos fatos como realmente aconteceram, de propagar soluções e cuidar para que a informação chegue tão verdadeira quanto seja, mas de forma a não assustar seus receptores ou sem se preocupar somente com a venda da informação de qualquer jeito. Tudo isso ajudaria a prevenir possíveis ameaças de qualquer natureza (Silva, 2011).

É importantíssimo demonstrar, de forma correta, a definição da mídia e seu papel social, que é de atender ao público através de transmissão de informações. Por outro lado, se torna complicadíssimo quando a mesma mídia, que deveria ter um papel social acima de tudo, também tem outra face garantidora de uma sociedade capitalista, que a manipula para fomentar o consumo e agindo sob os mais variados tipos de interesses comerciais.

O que se vive na atualidade é a perpetuação da entrega social ao que é veículado pela mídia, tanto que acontecimentos acabam legitimando o que é contado na televisão, na internet, nas rádios, jornais impressos e todo tipo de comunicação massiva com grande interesse em repercutir a emissora através do assunto. A partir daí, os muros são construídos para separar a sociedade. Há muros que separam nações entre pobres e ricos, mas não há muros que separam os que têm medo dos que não têm (Couto, 2011).

Outro problema da atualidade é que, sequer as pessoas conseguem desvincular de forma eficaz a informação do entretenimento, contribuindo mais ainda para os chamados "fake

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

news”, como são popularmente conhecidos e como o próprio nome sugere, são as informações veiculadas em massa que não passam de mentiras para justamente ganharem força, dando crédito ao que é claramente uma farsa.

No Brasil, a título de um segundo exemplo, tem-se a publicidade de operações das polícias Civil e Federal - onde ocorre a prisão simultânea de dezenas de pessoas por fraudes escandalosas, em algum setor determinado, e geralmente ocorrem coletivas de imprensa para "esclarecer" os fatos. Muito tem ocorrido, atualmente no Brasil, pelas grotescas falhas do governo. Até mesmo a lei tem sido subjetivada em prol do que a sociedade considera correto. Fica o grande questionamento sobre se a sociedade tem mudado e necessita que essas mudanças sejam refletidas nas leis ou o significado delas está deturpado (Datafolha, 2015)

A dimensão do poder de influência dos políticos que atuam neste campo se reflete na busca pela futura reeleição, para a qual se faz necessário o suporte da mídia. Na outra ponta, está o Judiciário, composto por membros teoricamente independentes e que deveriam julgar conforme o "livre" convencimento, princípio comuns do Direito. Os magistrados, por sua vez, são amplamente influenciados pelas situações criadas pelos meios de comunicação. Situação que dificulta o trabalho e a transparência do próprio fato, podendo causar danos irreparáveis à sociedade ou às próprias pessoas envolvidas em determinados casos que ganham grande repercussão (A tribuna).

A mídia tem efeitos devastadores na vida de quem não procura se atualizar através de fontes seguras. As pessoas acabam sendo também vítimas em todos os panos possíveis das mentiras veiculadas e se propaga a ideia de que a violência é algo completamente natural/normal. O medo tem sido construído por mentiras e muros para suportar ansiedades criadas (Silva, 2011).

A redução do medo na população está em justamente informar o povo de forma correta, ajudando na tomada de decisões conscientes para que esta situação se reverta em favor e não contra as pessoas.

1.4. Crime e Vitimação sob a perspectiva de estudos feitos no Brasil

Por conseguinte a todo exposto, inevitável que se faça uma releitura também baseada e autores que se dispuseram à mesma análise a nível nacional, uma vez que o objetivo desta pesquisa sempre será adicionar maiores bases ou mais aprofundadas bases para que se possa alcançar os objetivos deste inquérito.

Descobrir os enlaces do tema abordado é fundamental para se chegar a uma resposta comum. Muito se fala sobre as questões que levantam os problemas sociais desta abordagem, entre elas, aparecem como maior motivo para se questionar a insegurança e medo como sendo o fato de que existem dificuldades não só em meio às comunidades estudadas e afetadas pela criminalidade, mas também devido à infraestrutura precária a que devem se sujeitar as autoridades a fim de estabelecer uma boa rotina de segurança (Cano e Duarte 2011), sendo esta uma de muitas outras.

Muito se discute sobre a relação entre crime, violência e segurança pública, que é, senão o cerne, uma questão de extrema relevância a ser abordada.

Na área da ciência política, o que se tem de discussão mais marcante é a questão da segurança pública, onde, para Nóbrega Jr (2010), que desenvolveu estudos nesta ordem, a chamada dificuldade na gerência ou controle militar se justifica uma vez que a segurança pública deveria estar nas mãos de civis.

As taxas de criminalidade são por derradeiro a discussão mais simples que se pode ter diante do sentimento de insegurança. Sobre isso, acredita-se que a superação de taxas de criminalidade tem relação direta com a necessidade de descriminalização de drogas e desencarceramento de pessoas que praticaram delitos de menor potencial ofensivo (Andrade, 2015). Neste sentido, subúrbios cariocas ou favelas são analisados sob a

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

perspectiva da teoria da eficácia coletiva e do capital social, segundo Zaluar e Ribeiro (2009), onde se acredita que as cidades com maior capital social tendem a ter maior confiança e entre os próprios, sociabilidade e solidariedade. Afinal, estas versões acabam por ter taxas de criminalidade mais baixas (Zaluar e Ribeiro, 2009, p.179).

Abordagens sobre os estudos feitos sobre a criminalidade são de extremo significado para compreender as várias facetas que se pode ter uma interpretação social. A reflexão que surge em volta de estudos como estes acaba por mostrar que questões são mais sentidas pela sociedade e como os estudiosos veem a questão da violência e da segurança pública nas mais variadas versões (Nóbrega Jr., 2019).

A partir de novas ideias de estruturas para se fazer segurança, surge a necessidade de se estabelecer concepções de segurança aprofundadas que se leve em consideração os mais variados bairros e classes sociais (Polycarpo, 2019). A organização da sociedade e a segurança como sendo um sentimento, segundo Nina Eliasoph (1998) é constantemente ignorado politicamente até mesmo a nível social, onde o próprio cidadão faz questão de estar presente somente quando se sente pessoalmente afetado por determinada situação de insegurança ou crime. Portanto, acredita-se aqui que existe esta necessidade do cidadão reconhecer que não existe a possibilidade de esperar pela insatisfação para posteriormente tomar uma iniciativa para mobilização social.

Fazendo uma releitura da Resolução SSP nº 263, de 26 de julho 1999, feita pela Secretária de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro é possível reconhecer e idealizar a necessidade de delimitar forças policiais ou repressivas de autoridades e junto delas, criar os Conselhos Comunitários de Segurança (CCS). A ideia é justamente que a sociedade represente melhor e mais adequadamente suas próprias dificuldades do que a política de repressão, com demandas como a melhoria do sistema de saneamento básico, do controle da ocupação de espaços públicos que interferem na desorganização dos espaços e até marginalização deles, do cumprimento da prestação de serviços públicos na área da educação, na cultura, no esporte e no lazer da população, saúde etc (Polycarpo, 2019).

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

A problematização da segurança pública acaba por fazer com que se busquem novas formas de lidar com estas problemáticas que hoje são crescentes. A ideia da gestão que integra todas as classes e órgãos são estratégias inteligentes que podem levar em consideração todas as pessoas envolvidas em determinado contexto (Polycarpo, 2019).

Há ainda muito interesse no controle através de repressão e segregação, de forma geral. A exclusão é a forma mais recorrente ainda para se providenciar segurança, sendo um dos fatores cruciais da manutenção desta segregação e continuidade da realidade que hoje se tem (Hirata, 2016).

Polycarpo (2019) afirma ainda que precisa existir uma forma de debate que não se priorize interesses públicos privados e na instabilidade política e de segurança e, de fato, se discuta em grupo formas humanas e eficazes de se combater a instabilidade e insegurança, construindo uma democracia justa e respeitosa para todos.

Sobre possíveis soluções, Cano (2007, p.2) aponta que são necessárias algumas implementações de longo alcance, revelando uma necessidade de correção por todos os lados da sociedade, contudo, para ser mais específico, menciona algumas políticas públicas, que podem trazer alguma eficácia na segurança e que não carecem de grandes transformações legislativas ou investimentos financeiros estatais ou particulares grandes, são elas: “1) plano de redução de homicídios, cujo elevado patamar constitui o grande diferencial do Rio, priorizando o combate aos crimes e grupos que provocam maior número de vítimas fatais, reforçando e reformulando as Delegacias de homicídio ou até criando um departamento de Homicídios, enfatizando o controle das armas de fogo etc; 2) Diminuição da letalidade policial, oferecendo gratificações para trabalhos envolvendo o ímimo de força; 3) Adoção de novo modelo de patrulhamento preventivo permanente em favela que tenha como meta central a diminuição dos confrontos e a melhora do relacionamento com as comunidades; 4) Fortalecimento das corregedorias policiais, oferecendo formação específica, treinamentos, gratificações [...]” – uma vez

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

que se acredita também que a conduta de alguns agentes acaba atrapalhando de fato o combate à criminalidade e “desmerecem e desmoralizam outras corporações”.

1.5. O papel do ISP (Instituto de segurança pública) para o diagnóstico de violência e controle criminal

Com o advento da Lei 3.329 de 1999, surge o ISP ou Instituto de Segurança Pública, que é uma autarquia cuja finalidade é justamente fazer pesquisas para o fim de criar políticas públicas de segurança, através da participação constante e principal da comunidade. Assim, estes contam com um acervo vindo diretamente de autoridades de segurança pública, que mostram os crimes ali cometidos, a incidência, os turnos e outros parâmetros para ajudar a sociedade a encontrar soluções de segurança para eles mesmos.

Através do ISP, já existem os chamados Conselhos Comunitários de segurança, que são canais que fazem a ligação entre a comunidade e os representantes da segurança pública de cada região para contribuir com a diminuição da violência. Ocorre que, ainda hoje, estes canais ainda não tem grande visibilidade por conta da falta de comunicação sobre elas às comunidades, portanto, as pesquisas ocorrem através de canais formais que já fazem parte da comunidade em geral para obter informações sobre a segurança do local, como produzir os chamados boletins de ocorrência, que são os documentos onde se informa às autoridades competentes que determinado crime ocorreu, que são levados das pessoas até as autoridades para comunicar a ocorrência de crimes.

Os chamados conselhos comunitários acabam sendo canais de comunicação entre a comunidade e as Polícias militar e civil. Através deles, criam-se demandas para melhorias dos mais variados segmentos a fim de promover a segurança de fato.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Entre elas, a busca pelo cumprimento de posturas do município, bem como da própria comunidade, buscando-se um modo onde tanto autoridades quanto comunidade atue em conjunto, cada uma cuidando de suas obrigações para contribuição de melhorias variadas que vão da segurança à saúde, educação, cultura etc.

Nesse contexto, os conselhos comunitários de Segurança fazem a identificação e análise das demandas, e propõem formas de resolução dos problemas e questionamentos feitos.

Os registros criminais feitos pelas autoridades policiais do Estado acabam criando os dados efetivos para o estudo, passando por controles de qualidade da Corregedoria Interna da Polícia Civil (COINPOL). As estatísticas que se formam, levam também em consideração as datas dos registros de ocorrência para se obter maior clareza em relação às informações prestadas.

Obtidos tais dados, os mesmos são levados às comunidades com propostas de solução e também levando a possibilidade também destas comunidades solicitarem resoluções com base nos problemas sociais que enfrentam, portanto é feita através de integração entre as partes.

Aqui, acredita-se que a medida mais cabível é a participação comunitária no controle de criminalidade e vitimização, utilizando informações cruciais sobre as ocorrências criminosas das comunidades (ISP, 2018).

Parte B – Contribuição empírica

Capítulo II

Análise prática da Insegurança através do inquérito investigativo

2.1. Pesquisa empírica

No Rio de Janeiro existe o já mencionado Instituto de Segurança Pública (ISP), que é uma entidade vinculada ao Governo do Estado, que, através do desenvolvimento de metodologias de análise de dados da segurança pública, tem a finalidade de produzir e disseminar conteúdo informativo, implementando políticas públicas de segurança que propiciem a participação social, acima de outras intervenções.

O ISP é de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois através dele se pode constatar de forma mais sólida sobre os crimes que mais ocorrem de fato, os quais podem ser comparados com dados extraídos de outra forma de análise, tais como inquéritos às populações. Nada mais justo e prático do que conhecer a comunidade através dela mesma.

Assim, a redução do crime é aqui analisado através da perspectiva do DLS, fazendo uma análise mais aprofundada sobre os casos em questão a chegar em estudo de fatores de risco que podem nortear sobre como se chegar a um caminho de prevenção, ainda que a longo prazo.

2.2. Objetivos

Esta pesquisa, centrada numa comunidade específica, procurar reconhecer indicadores subjetivos que permitam perceber os sentimentos de insegurança dessa população, de modo a fazer uma comparação com os indicadores objetivos fornecidos pelos dados do ISP.

O objetivo é saber separar ou distinguir a realidade da ilusão, ou seja, o que, de fato, tem embasamento real que justifique o medo e o que é simplesmente

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

sentimento que não corresponde com o que de fato acontece na vida dos investigados.

Realizada essa análise comparativa, o nosso propósito seria explorar a possível relação entre o crime, o medo e a mídia. Assim é nosso propósito verificar qual a atribuição dada à mídia na construção do sentimento de insegurança.

2.3. Método

O presente estudo é de caráter exploratório, transversal e descritivo. O método utilizado para a recolha de dados foi o inquérito por questionário, produzido por Sani e Nunes (2013a), o qual permite a realização de um diagnóstico local de segurança (DLS) a uma dada comunidade.

Através deste método foi possível recolher informações sobre o sentimento dos participantes em relação à comunidade em que vivem. As respostas subjetivas permitiram conhecer as dificuldades e as interações dos indivíduos com suas comunidades.

2.3.1. Participantes

A amostra deste estudo é de sujeitos que residem, estudem ou trabalhem na região Oceânica de Niterói, área administrativa composta pelos seguintes bairros: Cafubá, Camboinhas, Engenho do Mato, Itacoatiara, Pendotiba, Itaipu, Jacaré, Imbuí, Maravista, Piratininga, Santo Antônio e serra Grande, conhecida como Avenida Central. A população da região hoje tem paroximadamente 511.786 habitantes, segundo o IBGE – estudo mais recente realizado no ano de 2018 (IBGE, 2018)

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Participar neste estudo indivíduos com mais de 16 anos, de ambos os sexos e que consentissem preencher o questionário disponibilizado para a pesquisa. Foi garantido total confidencialidade dos dados e anonimato dos seus participantes.

A amostra teve a participação de 37 indivíduos válidos, com idades entre 17 e 56 anos, todos de origem brasileira, entre homens e mulheres, conforme as tabelas na seção de apresentação de resultados.

2.3.2. Material e Procedimento

O questionário de Diagnóstico Local de Segurança (DLS) elaborado por Sani e Nunes (2013a) que é composto por 5 partes, sendo elas: i) Dados sociodemográficos; ii) percepção de segurança; iii) vitimação; iv) controle formal e v) participação comunitária. Além de questões diretas e objetivas há algumas questões abertas que permitem explorar aspectos de ordem subjetiva, assim como aferir do potencial da comunidade para ver melhoradas as problemáticas relacionadas ao medo e ao crime.

O questionário foi trabalhado num formulário do google docs e disponibilizado eletronicamente, nas mais variadas plataformas, incluindo redes sociais, para que fosse possível alcançar os participantes dos mais variados bairros da região objeto do estudo.

Após a recolha foi possível gerar automaticamente uma base de dados para extração de resultados estatísticos, referentes aos dados que podem ser numerados ou contabilizados. O questionário permitiu ainda a recolha de respostas abertas, designadamente os fundamentos para respostas mais diretas.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

2.4. Apresentação dos resultados

2.4.1 – Dados sócio-demográficos:

A tabela 1 revela que participaram 37 sujeitos, sendo a maioria do bairro de Piratininga e Cafubá, bairros centrais da região.

Tabela 1. **Distribuição dos participantes por bairros de residência.**

Bairro	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Cafubá	6	16.2
Camboinhas	4	10.8
Engenho do Mato	1	2.7
Itaipu	4	10.8
Jacaré	4	10.8
Piratininga	12	32.4
Pendotiba	1	2.7
Serra Grande	5	13.5
Total	37	99.9

Os participantes tinham idades entre 17 e 59 anos, sendo todos de nacionalidade brasileira, sendo 51.3% homens e em 46.6% mulheres .

Tabela 2. **Distribuição dos participantes quanto ao sexo.**

Sexo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Masculino	19	51.3
Feminino	18	48.6
Total	37	99.9

A amostra foi composta apenas por indivíduos casados e solteiros, sendo este último o grupo com maior proporção (75.6%).

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Quanto à escolaridade, esta varia entre ensino fundamental, superior e médio. A maioria está entre ensinos médio (32.4%) e superior (64.8%).

Em relação à situação ocupacional dos participantes, a maioria trabalha (62.1%) em algum setor como agente de trânsito, vendedores, políticos, empresários, técnicos ou servidores públicos, sendo a segunda maior proporção de participantes os estudantes (32.4%). Existem ainda desempregados por um período máximo de 2 anos (dois participantes = 5.4%) e outros tantos por um período de 2 meses a 1 ano.

Em termos habitacionais, 89.1% de moradores reside em casas e 10.8% em apartamentos.

A maior parte dos participantes (83.7%) não vive sozinha, morando com pais, amigos e família, enquanto uma porcentagem de 13.6% vive sozinha.

2.4.2 – Percepção de segurança/insegurança

Uma vez que oportunizada a demonstração de fatores relacionados aos dados sociodemográficos, se passa a analisar a percepção da insegurança dos candidatos, que é onde se pode encontrar, de fato, a percepção da comunidade sobre a violência, o medo e algumas causas destes acontecimentos, nas questões de cunho qualitativo que estão presentes no inquérito.

A tabela 3 demonstra que maior parte dos participantes (45.9%) considera que não se vive em uma área segura, sendo este um indicador importante para análise da insegurança da população.

Tabela 3. Percepção de segurança/insegurança.

Área segura	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	15	40.5
Não	17	45.9
Não sabe	5	13.5
Total	37	99.9

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Na base desse entendimento estão diversos fundamentos, os quais podem ser apreciados na tabela 4.

Tabela 4. Fundamentos da percepção de segurança/insegurança.

Segurança	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Segurança por experiência/observação	6	16.2
Segurança por controle social formal	1	2.7
Segurança limitada (moradores/conhecidos)	2	5.4
Segurança por comparação	2	5.4
Segurança por controle social informal	4	10.8
Total parcial	15	40.5
Insegurança	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Insegurança por presença de crime/perigo	10	27
Insegurança por escassez/limitação de policiamento	1	2.7
Insegurança por experiência/observação	3	8.1
Insegurança por tráfico/consumo de drogas/álcool	3	8.1
Total parcial	17	45.9
Não sabe/Não responde	5	13.5
Total	37	99.9

Assim de acordo com os participantes a insegurança deve-se à presença de perigo de fato, ocasionado pelos assaltos, crimes em geral, notícias em jornais e, em alguns casos, observam tráficos em áreas próximas.

Em contrapartida, 40.5% dos participantes revelam acreditar que vivem em local seguro, sendo que 16.2% justifica isso por experiência ou observação.

Para além deste fundamento, tem-se um grupo de pessoas que revelam a presença de controle formal de segurança, contudo, os motivadores são a não ocorrência de muitos crimes e até mesmo por controle informal que, segundo os investigados neste questionário, é feito pelos próprios criminosos nas chamadas favelas.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

No que respeita à evolução do crime, para 72.9% dos participantes, a criminalidade tem aumentado, enquanto que para 18.9% não houve efetivo aumento da criminalidade e 8.1% não respondeu à questão.

Tabela 5. Percepção da evolução da criminalidade.

Criminalidade tem aumentado	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	27	72.9
Não	7	18.9
Não sabe/Não responde	3	8.1
Total	37	99.9

Em relação às fundamentações, também tendo tido aberto o espaço para uma resposta mais qualitativa, de natureza subjetiva, apareceram respostas como a) a estabilidade em alto índice de crimes; b) houve normalização do fato de se ter um alto índice de criminalidade; c) pelo número de comentários sobre criminalidade nas regiões a que pertencem; d) falta de distribuição social de emprego; e) desigualdade de direitos em geral, fundamentando a maioria das pessoas a irem praticar crimes e; f) grande proporção de pessoas comentaram que veem em noticiários o aumento da incidência criminal, alertando para uma atenção ao que é propagado pela mídia.

Os noticiários aparecem em número total de 17 pessoas, ou seja, 45.9% de pessoas acreditam que a mídia traz tais apontamentos. Considerando que há outras respostas subjetivas em aberto, considera-se um número bastante alto para justificação do aumento da criminalidade.

A tabela 7 indica que maioria dos participantes elegeu o roubo (25%) como sendo o crime mais cometido (67.5%), seguido do tráfico de drogas (54%), dos assaltos à residência (51.3%) e dos furtos, com 27% das respostas.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 6. Distribuição dos crimes percebidos como mais frequentes.

Crime	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	N
Roubo	25	67.5	
Tráfico de drogas	20	54	
Assalto a residência	19	51.3	
Furto	10	27	
Agressão física	8	21.6	111
Tráfico de armas	8	21.6	
Assalto a estabelecimento	6	16.2	
Violência doméstica/cônjuge	5	13.5	
Danos a espaços/ equipamentos públicos	4	10.8	
Ofensa sexual	4	10.8	
Desconhece/Nenhum	2	5.4	

As agressões físicas também são tidas como frequentes, porém em menor proporção, a par do tráfico de armas, ambos seguidos pelos assaltos a estabelecimentos com 16.2% e a violência doméstica com 13.5% da opinião dos inquiridos.

Importante mencionar que, neste questionamento, os participantes poderiam escolher mais de uma opção, podendo se referir a mais de um crime como mais percebido na área de suas residências, desta forma, o número total de respostas foi maior que o número de participantes.

Paralelamente, os participantes foram questionados sobre os crimes mais temidos.

Os resultados podem ser consultados na tabela 7 a seguir, com as devidas observações em seguida à tabela. Os crimes apontados como opção foram roubo, assalto à residência, ofensa sexual, agressão física, furto, tráfico de drogas, tráfico de armas, assalto a estabelecimento, violência doméstica a cônjuges e violência doméstica contra idosos, bem como danos a espaços ou equipamentos públicos e a opção nenhum, tal como anteriormente.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 7. Distribuição dos crimes percebidos como mais temidos.

Crime	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	N
Roubo	24	64.8	96
Assalto a residência	19	51.3	
Ofensa sexual	15	40.5	
Agressão física	8	21.6	
Furto	6	16.2	
Tráfico de drogas	5	13.5	
Tráfico de armas	5	13.5	
Assalto a estabelecimento	4	10.8	
Violência doméstica/cônjuge	3	8.1	
Violência doméstica/idosos	2	5.4	
Danos a espaços/ equipamentos públicos	1	2.7	
Desconhece/Nenhum	4	10.8	

De acordo com a tabela acima, os roubos (64.8%) e assaltos a residências (51.3%) são crimes mais temidos e tem proporção bastante parecida com o que consideram de maior ocorrência. Seguem-se na lista dos crimes mais temidos as ofensas sexuais assinaladas por 40.5% dos participantes e da agressão física com 21.6%.

Do mesmo modo, é possível afirmar que nem sempre existe uma correspondência percentual entre crimes mais frequentes e crimes mais temidos. A seguinte tabela, por sua vez, engloba fatores considerados como importantes em relação às motivações que favorecem a ocorrência de crimes em geral.

A tabela a seguir tem como opções o policiamento deficitário, incapacidade de atuação dos agentes de autoridade, pouca severidade com os ofensores, maus acessos ou ruas com péssimas condições de passagem, bem como a pobreza e desemprego, falta de iluminação pública, movimento mais reduzido durante o período noturno, consumo de drogas ou álcool, conflitos e delinquência juvenil, passagem de pessoas estranhas à localidade, ausência de espaços verdes, problemas familiares ou a opção nenhum ou desconhecido.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 8. Condições percebidas como favorecedoras do crime.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	N
Policimento deficitário	20	54	
Incapacidade de atuação dos agentes de autoridade	18	48.6	
Pouca severidade para com os ofensores	15	40.5	
Maus acessos/arruamentos	15	40.5	
Pobreza/desemprego	14	37.8	
Má iluminação pública	13	35.1	147
Reduzido movimento durante a noite	13	35.1	
Consumo de drogas/álcool	11	29.7	
Conflitos e delinquência juvenil	8	21.6	
Presença de pessoas estranhas	6	16.2	
Ausência de espaços verdes/de lazer	5	13.5	
Problemas familiares	5	13.5	
Desconhece/Nenhum	4	10.8	

De acordo com os participantes, as condições que mais favorecem as ocorrências criminosas são o policiamento deficitário (54%), bem como a incapacidade de atuação dos agentes de autoridade (48.6%), a pouca severidade para com os ofensores e maus acessos/arruamentos, ambos com 40.5% de registro.

A ausência de espaços verdes e os problemas familiares, por sua vez, são os motivos considerados menos determinantes, nas opiniões dos participantes, para a ocorrência de crimes.

Quase todas as condicionantes foram consideradas importantes para os participantes, revelando o reconhecimento por eles de que existem muitas variantes importantes que podem influenciar a criminalidade.

Já em relação às incivildades ou problemas mais identificados pelos inquiridos, temos o seguinte:

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 9. Incivilidades identificadas pelos inquiridos.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	N
Dispersar lixo pela rua	13	35.1	
Estacionar de forma caótica	8	21.6	
Deixar as fezes de animais de companhia na via pública	7	18.9	64
Produzir ruído na via pública	7	18.9	
Violar regras de trânsito	7	18.9	
Urinar na via pública	3	8.1	
Peditórios ilegais	2	5.4	
Desconhece/Nenhum	17	45.9	

A maioria dos inquiridos não identificou incivilidades (45.9%), contudo, os que identificaram, consideraram dispersar lixo nas ruas como as mais praticadas, com 35.1%, seguido da conduta de estacionar de forma caótica, com 21.6%. Deixar fezes de animais na rua violar regras de trânsito e produzir ruídos em vias públicas, todos apresentaram uma porcentagem de 18.9%.

Em relação às causas que menos sobressaem, temos urinar em vias públicas (8.1%) e peditórios ilegais (5,4%).

2.4.3. Vitimação

Sobre a análise da vitimação, temos as informações extraídas da tabela, que são suficientemente objetivas, apresentando o percentual de 86.4% de participantes que responderam e que não foram vítimas de crime algum, enquanto 13.5% alertaram já terem sido vítimas no período dos últimos 5 anos.

Os que responderam de forma afirmativa à questão de terem sido vítimas identificaram que foram lavo de crimes de assalto, roubo, furto, invasão de residência e falso testemunho. Desta experiência de vitimação resultaram os danos de desemprego,

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

problema de saúde mental com síndromes do pânico, medo e insegurança e perda de pertences pessoais como celulares e bolsas.

No caso dos participantes que, de fato, sofreram os crimes, 3 deles (60%) ocorreram de dia, enquanto 2 (40%) no período noturno. Da mesma forma, 80% destes crimes ocorreram na rua ou em locais públicos e 20% dos resultados está consubstanciado na resposta de um participante que assinala a ocorrência de um crime em casa. Enquanto sofriam tais crimes, 60% revelou estar acompanhado de alguém no momento e 40% deles revelou estar sozinho, tendo sido 80% das vítimas informado que o agressor ou criminoso era alguém estranho, ou seja, desconhecido por elas.

Das 5 pessoas que sofreram uma agressão nos últimos 5 anos, 3 delas fizeram contato com as autoridades e 2 não. Somente 3 delas deram justificativa em relação ao motivo pelo qual contataram ou não as autoridades. As que procuraram autoridades, ofereceram a resposta de que seria por formalidade e, por último, para garantir sua segurança. Estas consideraram que valia à pena, ou por motivo de confiança e, por último, porque existiam interesses relacionados às seguradoras. Os que não procuraram polícias, consideraram que não vale a pena, somente uma tendo respondido que a situação se virou contra ela, por algum motivo não especificado.

As medidas reveladas por estes participantes como sendo efetivadas pelas autoridades foram vasculhação, prisão que restou-se irregular ou ilegal e o registro formal do ocorrido, tendo tido somente estas três respostas. Duas das respostas dadas foram no sentido de que não houve um nível de satisfação para com o trabalho do agente de segurança pois não se efetivou em qualquer medida, enquanto uma das pessoas, de fato, teve algum grau de satisfação, sem ter dado motivação no questionário.

Outra parte da análise à vitimação prende-se com a experiência indireta de crime. Assim, o questionamento foi no sentido de saber se os participantes teriam o conhecimento de alguém que tenha sido vítima de algum ato criminoso no período de 5 anos. Com base nos dados, que 8.1% não conhece, enquanto 89.1% respondeu que

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

algum conhecido, em algum momento sofreu, de fato, algum tipo de violência ou agressão. Entre estas respostas, todas se consubstanciaram entre amigos próximos e familiares. As respostas destes participantes sobre os crimes que sofreram tais conhecidos foram roubos, agressões, assaltos e violência doméstica.

De acordo com estas informações tratadas, 24.9% ocorreu durante o dia e 24.9% durante a noite, sendo desconhecido o restante das informações (29.7%), bem como em 54% dos casos ocorreram em ambientes públicos – nas ruas. No momento revelaram-se acompanhados 24.3%, enquanto 29.7% estariam supostamente desacompanhados. Nesses casos, em 54% o agressor foi alguém desconhecido.

No casos dos crimes acima referidos 37.8% terão sido denunciados à polícia, enquanto 18.9% não levou o caso ao conhecimento das autoridades, tendo as medidas tomadas sido o mero registro do crime ou nada que se saliente.

Em 18.9% das respostas não se conhece se o caso foi ou não levado à polícia.

2.4.4. Controle social

Em relação ao controle social, buscou-se perceber o nível de satisfação do policiamento para os inquiridos, ou perceber, de alguma forma, se o trabalho das autoridades estaria a ser feito de forma adequada ou não e porquê.

Perguntou-se aos participantes se acreditam que os agentes de segurança são capazes de garantir a segurança formal deles, obtendo-se os resultados seguintes.

As opções e baseiam na frequência em que são tidos esses resultados de controle, tendo as opções seguintes: sempre, quase sempre, quase nunca, nunca, não sabe e não responde, para alargar as possibilidades de dar melhor resposta ao Inquérito.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 10. **Percepção da ação dos agentes de segurança.**

Agentes garantem a segurança na área	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sempre	1	2.7
Quase sempre	5	13.5
Quase nunca	20	54
Nunca	8	21.6
Não sabe	3	8.1
Não responde	0	0
Total	37	99.9

Pode afirmar-se que 54% dos inquiridos considera que os agentes de segurança ‘quase nunca’ fazem sentirem-se seguros. Acresce a esse facto, que 21.6% considera que os agentes ‘nunca’ são capazes de mantê-los a salvo. Uma minoria considera ‘sempre’ (2.7%) ou ‘quase sempre’ (13.5%).

Tabela 11. **Fundamentação da percepção da ação dos agentes de segurança.**

Sempre ou quase sempre	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Suficiente policiamento	0	0
Esforço, com limitação de condições	3	50
Disponibilidade de apoio	1	16.6
Conivência com o crime	2	33.3
Total parcial	6	99.9
Quase nunca ou nunca	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Por défice/limitação de policiamento	1	4.3
Por ineficácia do controlo social formal	15	65.2
Medo	0	0
Existência de corrupção/degradação	7	30.4
Total parcial	23	99.9
Não sabe/Não responde	3	75
Não se aplica	1	25
Total	4	100

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

De acordo com alguns participantes, a ineficácia do controle social formal prende-se com o facto de que os agentes “não sabem trabalhar”, não há policiamento em seus locais de morada ou são incapazes de efetivar a segurança por ser em áreas em que os criminosos do tráfico comandam os moradores.

Um dos maiores motivadores para os participantes da insatisfação com os agentes de segurança está no facto de que acredita em uma autoridade corrupta, a demora pela falta de estrutura, tal qual a falta de viaturas ou falta de condições estruturais para atender à população. Também apontam um nível de descaso que é quase sempre vivenciado, além da falta de ética atribuída à busca por atender à interesses pessoais das próprias autoridades (outro caso relacionado à corrupção).

Sobre o grau de satisfação em relação à atuação do policiamento, a população ou comunidade inquirida considerou:

Tabela 12. Grau de satisfação em relação à atuação dos agentes de segurança.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Muito satisfeito	0	0
Satisfeito	4	10.8
Pouco satisfeito	12	32.4
Nada satisfeito	18	48.6
Não sabe	3	8.1
Total	37	99.9

A maioria dos sujeitos (48.6%) considerou-se ‘nada satisfeito’ com a atuação das autoridades porque existem fatores corruptivos, demora para o atendimento do cidadão em situações diversas, despreparo na atuação, com casos de preconceito e ausência do policiamento formal. A acrescer a esta porcentagem, há outro grupo ‘pouco satisfeito’ (32.4%) também devido à corrupção, insatisfação com o atendimento à população ou com a comunidade investigada.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Há uma evidente insatisfação para com o trabalho das autoridades policiais com a segurança formal, que tem minado a confiança mútua entre os agentes de segurança e a comunidade deste estudo.

Somente 10.8% dos inquiridos revelaram algum nível de satisfação, no entanto apontaram também críticas nestas respostas. As necessidades apontadas preendem-se aumento de agentes de segurança formal, a par do controlo informal que veremos que valorizam.

Tabela 13. Fundamentação do grau de satisfação em relação à atuação dos agentes de segurança.

Muito satisfeito ou satisfeito	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Segurança Particular	1	4
Demora nas respostas	1	4
Segurança por comparação	1	4
Nada a reclamar	1	4
Total parcial	4	16
Pouco satisfeito ou nada satisfeito	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Escassez/limitação de policiamento	4	16
Inércia/ineficácia na atuação	4	16
Corrupção	4	16
Atuação reativa/atuação por conveniência	2	8
Despreparo dos agentes	2	8
Formação/experiência insuficiente	1	4
Imagem depreciativa	1	4
Impedimentos de atuação ligados ao tráfico	1	4
Total parcial	19	76
Não sabe/Não responde	2	8
Total	25	100

Não houve plena satisfação de nenhum dos participantes. Além disso, é possível ainda perceber que o nível de insatisfação, a contraponto é elevado. A escassez ou limitação do policiamento, a inércia ou ineficácia da atuação e corrupção foram os fatores mais

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

mencionados, portanto, todos ligados, de alguma forma, à atuação dos agentes de segurança pública.

Quando perguntados sobre o apoio ofertado ou procurado por vizinhos ou conhecidos, temos as seguintes respostas:

Tabela 14. Frequência do recurso ao apoio dos vizinhos.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sempre	0	0
Quase sempre	6	16.2
Quase nunca	14	37.8
Nunca	17	45.9
Não sabe	0	0
Total	37	99.9

Neste caso, deve-se constatar que o número de pessoas que acabam não tendo uma relação de vizinhança próxima é muito alta, sendo ‘nunca’ apontado como a razão em vezes em que os participantes procuraram vizinhos para pedir ajuda, o que representa a maioria absoluta com um percentual de 45.9% dos participantes.

Além disso, o segundo maior valor percentual vem do número de participantes que ‘quase nunca’ contatam seus vizinhos, em razão de 37.8%, e, por último, os participantes que ‘quase sempre’ procura apoio de vizinhos soma 16.2%. Desta forma, é claramente possível perceber que não existe uma união muito sólida entre pessoas do mesmo bairro. As fundamentações estão consubstanciadas em motivações como “nunca houve necessidade”, “não conheço bem”, “não há política de vizinhança”, “não confio”, pessoas que são afastadas ou ocupadas e mudança de residência.

De outra forma, os que anunciaram ‘quase nunca’ procura ajuda ou apoio de vizinhos, fundamentaram com falta de intimidade ou proximidade, fatores pessoais, desnecessidade e falta de convivência entre eles. O que, novamente acentua o afastamento de muitas comunidades que, apesar de estarem morando talvez na mesma

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

rua, não tem a cultura de proporcionar políticas de vizinhança ou não se dispõem uns para com os outros.

Na frequência de quem respondeu que ‘quase sempre’ procura o apoio da vizinhança, temos as respostas com pessoas que moram em condomínios, conhecem e mantém um grau familiar ou de amizade com vizinho e procuram-no quase sempre que se sentem confortáveis para tanto. Sobre apoios de entidades:

Tabela 15. Frequência do recurso ao apoio de entidades.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sempre	1	2.7
Quase sempre	2	5.4
Quase nunca	9	24.3
Nunca	24	64.8
Não sabe	1	2.7
Não responde	0	0
Total	37	99.9

Os participantes que ‘quase nunca’ e ‘nunca’ procuraram por entidades de apoio representam a maioria, logo após temos 5.4% deles ‘quase sempre’ procuram, bem como 2.7% representa quem ‘sempre’ procura.

2.4.5. Participação comunitária

A maioria dos participantes mora há 10 anos ou mais nos seus locais de residência (40.5%), 13.5% mora de 4 a 6 anos, 16.2% mora de 7 a 9 anos e 18.9% mora a 3 anos ou menos. Questionados sobre o que gostariam de ver melhorado para garantir qualidade de vida, os participantes justificaram que gostariam de ver melhorado policiamento, segurança, saúde, iluminação, urbanização, coleta de lixo, asfalto, políticas de fim do tráfico, menos violência e qualidade de vida. Um dos participantes apontou uma qualidade de vida satisfatória, contudo, também direcionou a melhora para

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

a construção de escolas menores, infraestrutura, hospitais, policiamento e transporte público de qualidade.

A segurança girou em torno de políticas de segurança pública para diminuição de crimes em geral, tráfico, interesse nas investigações ou trabalho das autoridades de segurança, patrulhamento ou policiamento e contato mais aberto dos moradores com as autoridades, de modo a facilitar a ligação entre a polícia e as comunidades.

Tabela 16. Da disposição para colaboração por parte dos participantes.

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sempre	6	16.2
Quase sempre	6	16.2
Quase nunca	4	10.8
Nunca	3	8.1
Não sabe	18	48.6
Não responde	0	0
Total	37	99.9

A maioria (48.6%) não soube responder se estaria disposto a colaborar e nem justificou, de modo a levantar o questionamento sobre se elas, de fato, teriam alguma ideia de como proceder nisto, em alguma forma de contribuir para a segurança ou melhor da comunidade.

Aos que responderam ‘quase sempre’ e ‘sempre’, disseram que poderiam se propor a campanhas educativas, outras de acordo com as possibilidades, dependendo do que fosse necessário e outros dois participantes se dispuseram, apesar de não saber como poderiam fazer para ajudar. Os que responderam que ‘nunca’ ou ‘quase nunca’, apontaram uma vida muito corrida e ocupada, que os impediria de fazer parte de planos de melhoramento comunitário. Desta forma, a grande maioria não soube responder.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Tabela 17. Da relação dos participantes com as comunidades a que fazem parte

Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Forte	16	43.2
Muito forte	4	10.8
Nada forte	4	10.8
Pouco forte	13	35.1
Total	37	99.9

A maioria dos inquiridos apresenta uma relação fraca com a sua comunidade. As fortes razões são apresentadas como um longo tempo de moradia dos participantes naquela área. Apontam que gostariam de mudar de país, a violência ou revelam pouco apego, enquanto poucas respostas foram no sentido de apego e disposição para ajudar a mudar a realidade do seu local de residência.

Aqui se pode presumir um caso de falta de interesse com os problemas da comunidade no sentido de se colocar predisposto a estar presente quando tiver que ser colocada em pauta a discussão relacionada à mesma. O que obviamente pode levar a uma falta de dados para se colocar em prática ideias para o fim de minimizar as problemáticas sociais do ambiente.

2.5. Discussão dos resultados

O presente estudo decorreu na comunidade da Região Oceânica de Niterói e contou com 37 participantes, de ambos os sexos, sendo a sua maioria solteiros, com nível de escolaridade superior e residentes na sua maioria em moradias. Desta amostra, 45.9% não consideram que vivem em área segura, caracterizando esta porcentagem o valor mais saliente e que indica que no geral esta população experiencia insegurança na sua comunidade. Para a maioria da população os crimes têm aumentado, tal como referido nos mídia, sendo os crimes mais comuns os roubos, os assaltos, os tráficos, ocasionando medo nas pessoas.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

No momento das ocorrências, metade dos participantes contatou às autoridades. Metade por confiança e a outra metade dividida entre pessoas que estavam interessadas em benefícios de seguradoras e pessoas que não acreditavam que valia a pena, tendo metade delas formalizado o boletim de ocorrência para obter respostas das autoridades, por ter sido colocado em papel inverso ou somente para manter registrado. Indica-se aqui os dados do ISP que também conseguem corroborar a sensação de insegurança que as comunidades tem nas autoridades (ISP, 2018).

As medidas tomadas pelas autoridades estão entre nenhuma, prisões irregulares, somente por fazer o registro e, em um caso, as autoridades foram estudar sobre o ocorrido. A maioria (83,3%) declara não ter ficado satisfeita com as medidas tomadas, afirmando que não houve nenhuma medida.

A contraponto, foi ainda questionado se pessoas conhecidas e do convívio dos participantes tiveram alguma experiência com vitimação em crimes e a maioria alertou que sim (entre familiares e amigos). A maioria vítima de assaltos, com os mais variados danos sofridos- tanto de natureza material quanto moral, física etc.

Não sabem responder ou não lembram o horário de tais crimes, sabendo responder somente que a maioria se deu em espaço público enquanto a vítima encontrava-se acompanhado (32,3%), sozinho (38,7%) e não lembra (29%). É possível que o fato de não se lembrar sobre os ocorridos tenha relação ao fato de que, por não ter vivido tal situação, também não sabem responder onde os crimes ocorreram. Tais vítimas contataram as autoridades, em maioria, informando que tinham interesse em benefícios de seguradora. Quem não informou, justificou que não valia a pena formalizar, senão se da existência de seguros ou comprovações necessárias para procedimentos burocráticos. As medidas tomadas pelas autoridades foram inexistentes, em maioria, não tendo deixado os participantes ou conhecidos satisfeitos com o trabalho feito.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

O controle social, por sua vez, revela que quase nunca é a consideração dos participantes para a pergunta de que fazem de tudo para garantir a segurança dos cidadãos por variados motivos contidos nos gráficos, tendo ficado insatisfeitos.

Sobre a frequência de se contar com os vizinhos para resolver problemáticas, as respostas foram em sua maioria que não contatam, com exceção dos moradores de cambainhas, que são particularmente protegidos por entidades particulares pagas (SOPRECAM).

No item de participação comunitária, revela-se que os participantes, em maioria vivem nestes locais há 10 anos ou mais e gostaria de ver melhorados asfaltos, segurança, policiamento, e segurança, em maioria.

Necessário elevar o fato de que a segurança comunitária tem um papel importante na mudança de questões relacionadas ao tema desta investigação, mas tão importante quanto isso é o fato de que a segurança pública tem papel crucial nas questões que envolvem confiança e legitimação do poder destes agentes. Apesar de todos os esforços da própria comunidade para conter o crime e por mais que consigam, desconfiam das autoridades de segurança a todo momento pelas mais variadas argumentações. A falta de confiança mina as relações entre população e estado, quando estes deveriam, pelo bem de sua própria existência, prover um sentimento de confiança e segurança (Mishler e Rose, 2001; Moisés, 2005).

Neste sentido, a colaboração por parte dos participantes é desconhecida, bem como se divide a quantidade de pessoas dispostas a colaborar ou não, apesar de, a maioria revela ter fortes ligações com o bairro onde vivem por morar lá a muito tempo. É possível concluir que a comunidade está, de certa forma, buscando seus próprios meios, uma vez que a desconfiança para como poder público retira deles a capacidade de prover a segurança pública, revelando novamente a necessidade de contribuição comunitária em conjunto com os esforços formais de segurança para provimento de paz social.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Obviamente não se pode culpar unicamente as forças de segurança, apesar do que a comunidade acredita. Como existem sempre várias versões de uma mesma situação, existem, por outro lado, investigações no sentido de descobrir o motivo pelo qual as autoridades ficam incapazes de atender a certas demandas sociais.

Cano e Duarte (2011) realizaram pesquisas para descobrir tais motivações. O questionário foi enviado à corregedorias dos policiamentos Militares, Civis, Técnicas e Corpos de Bombeiros de todo país, e Polícia Federal. A principal conclusão que obtiveram foi no sentido de que existem milhares de dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura destes órgãos para cumprimento dos seus ofícios tais como autonomia restrita, falta de estrutura física de atuação, que diz respeito ao espaço físico. Até mesmo verba pública e falta de agentes são motivações para não se conseguir conter uma comunidade com número superior ao que poderiam controlar. Quase nunca eram oferecidas as verbas de direito de modo correto, como também não foram pagas as verbas relacionadas à dificuldade de efetivação de suas tarefas, consideradas de grande perigo. Obviamente, nenhum atrativo para recrutamento de novos agentes.

Em tempo, presume-se não ser possível fazer uma culpabilização a um único setor social, mas necessário analisar a um conjunto complexo de fatores sociais enraizados através de milhares de problemáticas que envolvem variados aspectos da sociedade e da humanidade. Por este motivo, a interação é fundamental para resolução dos conflitos apresentados.

Em relação aos dados coletados para a comparação com os dados do ISP (Instituto de segurança pública), para se chegar a um fator conclusivo, através do que se coletou em investigação.

Considerando o ano em que foi feito o recolhimento dos dados desta dissertação (2018/2019), foram remetidas à pesquisa as informações de segurança relativas ao mesmo ano (vide anexos do ISP 2018/2019).

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Analisando o quadro obtido, pode-se perceber que não houve um aumento ou diminuição significativa entre a maioria do número de crimes observado.

Obviamente, a análise é de relatório por área, portanto, a análise feita somente pode retirar dados conclusivos da região de Niterói.

O indicador de roubos de rua, que se mostra uma grande preocupação dos participantes demonstra através do ISP que houve uma redução significativa. Inclusive, sendo um dos poucos índices que demonstraram tal redução, de 27% do número de ocorrências, bem como diminuição do roubo de veículos entre maio de 2018 a maio de 2019, em 31%. Índices que também diminuíram foram principalmente em casos de lesão corporal seguido de morte, latrocínio, homicídio culposo no trânsito, roubo a estabelecimentos comerciais, roubo a transeunte, roubo de aparelhos celulares, roubo de cargas, veículos e a outros itens não listados na lista. Percebe-se que os roubos em geral aprecem ter diminuído em uma proporção não significativa.

Por outro lado, houve crimes que tiveram aumento entre maio de 2018 e 2019 como homicídio, mortes por intervenção de agentes do Estado – como as famosas “balas perdidas” ou confrontos entre o tráfico e os agentes -, tentativas de homicídio, estupro e outras espécies de roubos.

Considera-se que a percepção dos entrevistados, em relação ao crime ou ao sentimento de insegurança, é de que a criminalidade aumentou em alguns tipos de ilícitos penais. Importante ressaltar que tais dados não consideram a percepção de como a mídia influenciam a percepção de insegurança dos entrevistados, portanto, não será discutido neste âmbito.

Para o fim de comparação, serão considerados somente os dados disponíveis na pesquisa feita. Vejamos o Gráfico apresentado pelo ISP através do anexo.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Neste momento da pesquisa, é importante entender que chega-se a um ponto crucial, onde é possível perceber o que se pode levantar como uma preocupação clara e legítima por parte das comunidades investigadas e conclusões sobre isso. O que se apresenta de fato, aqui, são dados formais obtidos através de uma autarquia voltada exclusivamente para estudos e investigações no âmbito da criminalidade do estado do Rio de Janeiro. Portanto, perfeitamente passível de legitimar a investigação ora feita nesta pesquisa (Vide gráfico anexo sobre os principais crimes cometidos nos anos de 2018 e 2019 em Niterói/RJ).

O fato de ter havido aumento na incidência dos mais variados tipos de crime, segundo o ISP, não vai de encontro ao fato de que a percepção dos entrevistados é de que o crime aumentou, em sua maioria. A contraponto, em janeiro de 2016, o ISP, divulgou os dados sobre homicídios no ano de 2015 e revelou que a taxa na cidade tinha sido a menor em 24 anos, ou seja, há veracidade no fato de que houve um aumento em alguns índices de criminalidade, mas também é correto que houve uma melhora significativa em uma escala mais prolongada. Há aí um possível paradoxo entre criminalidade e sensação de insegurança, no mínimo em termos de homicídio, que é um fator crucial na opinião das comunidades investigadas, contudo, em consideração os crimes que mais são cometidos e os que tem mais medo, (crimes contra a vida e contra o patrimônio), o que mais representa medo é o roubo, bem como o que mais aparece como tendo sido cometido contra conhecidos dos participantes, foi o crime contra o patrimônio, não tendo apresentado nenhum dado em relação à vitimação por homicídios. Existem muitas variáveis.

A presença de fatores subjetivos em relação a tais sentimentos de insegurança ou medo pode ser verificada comparativamente, quando a maioria dos investigados temem roubos nas suas area de residência, e, de fato, analisando dados do ISP, houve crescimento no número de ocorrências.

Um fator importante a ser mencionado diz respeito à imagem que os participantes tem sobre a polícia, que alertam, de forma preocupante, que não existe confiança em relação

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

ao trabalho feito pela segurança pública por variados motivos. A instituição de segurança é vista com desdém, conforme as respostas dadas, com justificativas como a demora para atendimento de ocorrências, falta de policiamento ou, quando existe, fatores relacionados a um trabalho mal executado acabam por deixando a maioria dos investigados insatisfeitos. Em alguns casos, foi mencionado ainda que as polícias só efetivam atendimento de segurança mediante uma visualização de benefício em relação a aramamentos ou outros. Na maioria dos crimes, foi possível perceber que são em números estáveis em alto número de ocorrências.

Em relação aos dados apresentados e recolhidos e fazendo ampla comparação, parece óbvio que os crimes sofreram algum aumento, mas que o sentimento ou a percepção de insegurança continuam altos.

Outro fator é que muitas pessoas que consideram que os crimes aumentaram também afirmaram que não aconteceu com elas, mas com algum conhecido e afirmam que sabem sobre aumento de violência por conta do que veem em mídias, principalmente na televisão, que, conforme análise comparativa de estudos, não tem tido responsabilidade com a veracidade das informações prestadas e não se preocupam e nem se comprometem em prestar informações com fundos de informações pesquisadas e estudadas, mas criando medo no imaginário de seus telespectadores.

Não seria um absurdo afirmar que, muito desta percepção de medo, tem relação direta com os noticiários sensacionalistas que são propagados, mas também ao aumento nos índices de criminalidade e violência, conforme se verifica no quadro anexo em análise comparativa ao decolhimento de dados obtidos através do questionário DSL.

Desta forma, é possível perceber que, na maior parte das vezes, o sentimento de insegurança se coaduna com a real circunstância de violência da comunidade ora investigada, mas não é uma regra.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Assim, é possível perceber que a solução está disponível e deve ser buscada em todos os setores em conjunto, revelando novamente a necessidade de se instituir políticas públicas que envolvam todas as partes para se alcançar uma efetividade na contenção destas problemáticas sociais.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Conclusão

Através da análise comparativa dos dados colhidos é possível estabelecer algumas situações que são passíveis de acontecer em relação ao sentimento de insegurança, todavia esta investigação tem o condão de refletir sobre a possibilidade da ocorrência de medo sem índices de criminalidade perceptível ou vice versa e sobre o impacto direto que têm nas políticas de segurança pública e na mídia.

O objetivo de estudos como estes está justamente em não só conhecer a comunidade, mas saber sobre suas necessidades básicas, que recursos estão disponíveis, quais são as dinâmicas sociais que ali se desenrolam, qual é exatamente a percepção da comunidade em relação à insegurança e colher dados da vitimização real e dos meios adotados de fato para as situações arroladas, pois nem sempre as inseguranças apontadas conversam com os dados reais, tornando difícil a busca por soluções que possam consertar diretamente o problema que afeta a comunidade em questão.

Neste sentido, além da segurança formal e percebendo as problemáticas relacionadas a ela, muito se desenvolve sobre uma polícia comunitária, que pode levar os problemas à uma segurança formal, mas fazer seu papel enquanto parte da comunidade de forma proativa, com grande capacidade de formular modos de fomentar o sentimento de segurança nas pessoas (Community Oriented Policing Services, 2009). Neste caso, a questão de adoção de saídas comunitárias pode ser de grande valia para as comunidades afetadas.

O que se encontra é um policiamento pautado em táticas que repelem as pessoas ao invés de agrega-las a uma sociedade que funcione de fato, da maneira como deve ser e esta pesquisa comprova que existe uma outra maneira de lidar com essas problemáticas. Por óbvio este estudo tem variadas limitações, contudo, a psicologia e a sociologia apontam formas eficazes de luta contra o sistema repressivo que hoje se instalou no Brasil como um todo e na comunidade investigada.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Foi plenamente possível destacar que crimes mais ocorrem na opinião dos investigados, mas também foi possível auferir que a mídia tem grande papel na geração do medo nestas populações.

Por óbvio, houve, de fato, crescimento nos índices dos mais variados tipos de crimes, contudo, a análise subjetiva demonstra que os fatos não estão baseados em números, mas em achismos por parte dos entrevistados e, em sua maioria, baseado no que ouviram falar, uma vez que muitos deles não sofreram nenhum tipo de crime ou violência nos últimos anos. Neste sentido, o medo do crime, quando baseado em avaliações com fundo prático ou de pesquisa são instrumentos de grande importância para avaliação e enfrentamento dos crimes e dos medos que se criam na cabeça das pessoas.

O medo não é saudável quando inicia a segregação nas comunidades e afastamento destas comunidades. Os comportamentos mudam de forma a emergir uma individualidade que adoce a sociedade como um todo, apesar de alguns terem condições de se proteger, enquanto outros não têm a mesma possibilidade.

Nem sempre os medos refletem a realidade ou se baseiam nela. Em consequência, não existe a possibilidade de se criar políticas públicas de segurança baseado em medo do que as pessoas não conhecem. Para se ter acesso a uma resolução social do medo, é preciso colocar a comunidade no enfrentamento dos reais acontecimentos; o que não se verifica quando baseados em fatos extremamente midiáticos. Fator que se observa nos comentários os participantes em sede de Diagnóstico local de segurança.

Por isso, as políticas públicas que integram as comunidades com os agentes de segurança pública são cruciais para identificar e analisar os crimes e os medos das pessoas para que se encontre uma solução real, que de fato tenha o condão e a capacidade de solucionar conflitos relacionados à violência e, obviamente isso depende de uma conscientização destas populações de que a participação pessoal delas é extremamente necessária neste processo.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Sensações de medo infundadas ou criadas por motivações inidôneas que advém de mídias irresponsáveis, também tem o poder de levar a sociedade a criar meios inviáveis ou inúteis à resolução de conflitos sociais, desta forma, é extremamente importante que, ainda que exista o medo, isto seja baseado em profundo conhecimento de onde eles vêm e porque ocorrem para que sejam implantadas medidas eficazes de combate tanto ao medo quanto ao crime.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o medo pode ser caracterizado de forma saudável ou doentia. O saudável transparece a vontade de adotar maneiras de elimina-lo com posturas defensivas, enquanto o doentio justifica suas ofensas ao invés de refletir de forma a prevenir e as mídias precisam também retratar de forma real os fatos ocorridos em sociedade, tendo responsabilidade com o que é propagado.

A implantação do sentimento de segurança, ao invés de insegurança, poderia atribuir às comunidades a ideia de que o medo cria situações devastadoras nas sociedades, com a criação de uma infinidade de injustiças sociais e de ordem jurídica todos os dias.

Para tanto, impedir o sentimento de medo do crime somente ocorrerá quando houver uma profundamento na busca pela informação e, que muitas vezes, é possível enxergar com maior clareza, formas de apaziguar os ânimos e a violência.

Conclusivamente, estudos como o presente tem grande capacidade de fazer a percepção de a comunidade aumentar através de avaliação das experiências das comunidades e agrupamento no sentido de encontrarem junta uma forma de solução dos problemas que acabam causando algum tipo de violência em sua área de residência, ou seja, a própria comunidade tem a capacidade de modificar a situação da segurança de sua própria área quando o trabalho é feito em conjunto. Desta forma, muito se tem a melhorar em relação à segurança formal, contudo, as mudanças necessárias podem e devem vir primeiramente de uma vontade interna de ascender a preocupação para com a comunidade em que se vive.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

É possível entender que este estudo tem suas limitações no sentido de encontrar meios para coibição de problemáticas relativas à segurança pública formal pelo nível de aprofundamento que se exige e o estudo dos mais variados aspectos ramificados do medo e da violência que se instalou, contudo, é uma abertura que se encontra para buscar entender os seus sistemas internos, bem como suas dificuldades para também, futuramente, iniciar uma mudança positiva dentro dos sistemas de segurança pública formal.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Referências

- Almeida, B. G. M. de (2008) *Medo do crime e criminalização da juventude*. In: III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas – CIAVE. Anais. Curitiba : Champagnat, p. 11.582-11.594.
- Andrade, Vera Regina Pereira de. A (2015) *Mudança do Paradigma Repressivo em Segurança Pública: reflexões criminológicas críticas em torno da proposta da 1º Conferência Nacional Brasileira de Segurança Pública*. Sequência (Florianópolis), n. 67, dez. 2013, p. 335-356.
- Baierl, L. F (2004) *Medo social: da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo: Cortez.
- Bayer, Diego Augusto (2013) *A Mídia, a reprodução do medo e a influência da política criminal*. In. Controvérsias Criminais: Estudos de Direito Penal, Processo Penal e Criminologia. Jaraguá do Sul. Letras e Conceitos.
- Bauman, Zygmunt (2008) *Medo Líquido*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar;
- Boldt, Raphael (2013) *Criminologia midiática: Do discurso punitivo à corrosão simbólica do Garantismo*. Curitiba: Juruá.
- Caldeira, T. P. R. (1997) *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 47, p. 155-176.
- Caminhas, D. A.; Braga, M. Â. F. (2006) O medo da violência e a segurança privada: reflexões sobre a cidade de Montes Claros. Revista Economia: terceira margem, Montes Claros, v. 1, p. 5-59, 2006.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Cano, Ignácio (2007) *Faltam investigação e inteligência*. Jornal o Globo. Disponível em <http://www.lav.uerj.br/docs/art/ic/ic_26-04-07-OGLOBO.pdf> [Consultado em 26/07/2019]

Cano, Ignacio e Duarte, Lemos Thais (2011) *Análise das atividades correicionais no Brasil* (Relatório de pesquisa). Belo Horizonte.

Cano, Ignácio Duarte e Duarte, Lemos Thais (2014) *As corregedorias dos órgãos de segurança pública no Brasil*, Rev. bras. segur. pública | São Paulo v. 8, n. 2, 84-108, Ago/Set 2014

Community Oriented Policing Services (2009) *Community Police Defined*. Washington, DC: US Department of Justice. Disponível em <<http://www.cops.usdoj.gov/filesRIC/publications/e03091719-CP-Defined.pdf>> [Consultado em 20/05/2019]

Couto, Mia (2011) *Conferência de Estoril*. Disponível em <<https://www.miacouto.org/murar-o-medo/> Murar o medo> [consultado em 22/05/2018]

Dantas, George Felipe de Lima. *Informação pública sobre crime e violência: precedentes da União Europeia e Estados Unidos da América*. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Segurança Pública on line. Biblioteca. Artigos. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/Senasp/biblioteca/artigos/art_Informação%20pública.pdf>. [Consultado em 14/05/2018]

D'adesky, Jacques Edgard François (2005) *Racismos e anti-racismos no Brasil. Pluralismo étnico e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Dantas, George Felipe de Lima; Silva Júnior, Álvaro Pereira da; Persijn, Annik (2006) *O Medo do Crime*. Disponível em: <[http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20\(60\).pdf](http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20(60).pdf)>. Acesso em 17/05/2018.

Datafolha (2018) *61% dos brasileiros defendem que posse de armas seja proibido*, Datafolha. [Em linha] Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/datafolha-61-dos-brasileiros-acham-que-posse-de-armas-deve-ser-proibida/>> [Consultado em 01/05/2019]

Eliasoph, Nina. (1998) *Avoiding politics: how Americans produce apathy in everyday life*. Cambridge, Cambridge University Press.

Fonseca, Ernesto (1998) *Representação social da Insegurança: Crime e crise*. Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, tese de mestrado em psicologia social.

Fonseca, Alexandre Brasil (2011) *Relações e privilégios: estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil*. Novos diálogos, 2011 (livro virtual).

Garofalo, James (1981) *The Fear of Crime: Causes and Consequences*, 72 J. Crim. L. & Criminology 839

Glassner, Barry (2003) *Cultura do Medo*. São Paulo: Francis.

Melo, E. M. das D. V (2008) de. *Cultura do medo: reflexões sobre os determinantes da criminalidade e seus efeitos para a cidadania e o controle social na contemporaneidade*. Parlatorium – Revista eletrônica da Faminas-BH.

Hirata, Daniel e Cardoso, Bruno (2016) *Coordenação como Tecnologia de Governo*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 97-130, jul./dez. 2016.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (2018) *Avaliando o sentimento de insegurança nos bairros do Rio de Janeiro* Disponível em <http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/RelatorioPesquisa002.pdf> [Consultado em 22/12/2018]

Jornal A Tribuna (2018) *Criminalidade Cresce também na Região Oceânica*. Disponível em <<http://www.tribunarj.com.br/criminalidade-cresce-tambem-na-regiao-oceanica/>> [consultado em 22/12/2018]

Jornal o Globo. *Novo Decreto de armas de jair Bolsonaro* (2018) Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/novo-decreto-das-armas-de-bolsonaro-alvo-de-criticas-deve-ser-alterado-no-senado-23766615>> [Consultado em 22/05/2019]

Krigger, Ison Idalécio Marques (2013) *Consultoria em Segurança*. Palhoça: Unisul Virtual.

Lira, Pablo (2017) *Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas*. Letra capital Editora Ltda

Luhmann, Niklas (2015) *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.

Mishler, W e Rose, R (2001) *What are the origins of political trust? Testing institutional and cultural theories in post-communist societies*. Comparative Political Studies.

Moisés, J. A. *A desconfiança nas instituições democráticas*. Opinião Pública, v. 11, n. 1, p.33-63, 2005.

Moraes, Cristiano Luis de Oliveira e Spanio, Marlene Inês (2014) *Punição e mídia: análise de alguns aspectos que influenciam na violência e na criminalidade*.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Machado, Carla (1999) *Crime e Insegurança: Discursos do Medo*. Imagens do outro. Lisboa, Editorial Notícias.

Manita, Celina (1997) *Insegurança e criminalidade nos media: narrativas da imprensa diária*, em *insegurança Urbana na cidade do Porto: estudos interdisciplinares*, vol III. Porto, Observatório Permanente de Segurança, não publicado.

Manita, Celina e Machado, Carla, (1999) *Percepções e figuras do medo na Cidade do Porto: estudos Interdisciplinares*. Porto, Centro e Ciências do Comportamento Desviante, Faculdade de psicologia e ciências da Educação, Universidade do Porto, Vol 3, não publicado.

Medo Constante da Violência fez sociedade mudar modo de viver (2015) NH Notícias. Novo Hamburgo, BR.: Disponível em: <https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2015/05/especial/165677-medo-constante-da-violencia-fez-sociedade-mudar-modo-de-viver.html> [Consultado em 06/05/2018].

Moraes, Cristiano Luis de Oliveira e Spanio, Marlene Inês. *Punição e mídia: análise de alguns aspectos que influenciam na violência e na criminalidade*. Anais do IV Congresso de Ciências Criminais. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/48.pdf>> [Consultado em 03/03/2018].

Musumeci, Barbara e Muniz, Jacqueline. (1998) *Relatório de pesquisa sobre Mapeamento da Vitimização de Policiais no Rio de Janeiro*, Cesec

Neves, Tiago e Fernandes, Luís (1999) *Periferias urbanas, sentimento de insegurança e controlo social: relatório do projecto 'Insegurança Urbana na cidade do Porto: estudos Interdisciplinares*. Coordenação Cândido da Agra.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Nóbrega Jr. (2010) José Maria Pereira da. *A Militarização da Segurança Pública: Um Entrave Para a Democracia Brasileira*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 35, fev. 2010, p. 119-130.

Nóbrega Jr., José maria Pereira Da (2019) *O que se escreve no brasil sobre segurança pública; Uma revisão da literatura recente*. Revista Brasileira de Seg. pública São Paulo v. 12, n. 2, 14-47, ago/set 2018.

Pedrazzini, Y. (2006) *A violência das cidades*. Petrópolis: Vozes.

Pinto, Tales dos Santos. *A Igreja Católica no Brasil ; Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/igreja-catolica-no-brasil.htm>> [Consultado em 08 de julho de 2019].

PNAD, Pesquisa nacional de amostra de domicílios (2015) Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> [Consultado em 01/05/2018]

Polycarpo, Clara Gomes (2019) *Segurança é um dever de todos": representações coletivas e novas redes de políticas de segurança pós-pacificação no Rio de Janeiro* 137 Artigos Rev. bras. segur. pública São Paulo v. 13, n. 1, 114 - 139, fev/mar 2019

Rio de janeiro (Estado) (2015) Decreto nº 45.475, de 27 de novembro de 2015. Institui programa de estímulo operacional (PEOp) para as operações realizadas no âmbito da Secretaria de Estado de Governo, autoriza a convocação para serviço ativo voluntário de policiais militares da reserva remunerada e dá outras providências. DO, Rio de Janeiro, 30 nov. 2015.

Rio de Janeiro (Estado) Decreto nº 45.629, de 12 de abril de 2016. (2016) Transfere as Operações Lei Seca, Lapa Presente e Segurança Presente da Secretaria de Estado de Governo para a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, no

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

poder executivo do Estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências. DO, Rio de Janeiro, 13 abr. 2016.

Sani, A. e Nunes, L. (2013.a) Questionário de diagnóstico local de segurança: Estudo numa comunidade urbana. *Análise Psicológica*, 2 (31), 185-195

Sani, A. e Nunes, L. (2013.b) Crime & Vitimação. Polícia e análise de comunidades urbanas. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sani, A. e Nunes, L. (2014) Relatório do Inquérito – diagnóstico Local de Segurança na Freguesia de S. Nicolau (Porto). Edições Universidade Fernando Pessoa.

Instituto de segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (2018) Segurança em numeros. Disponível em <http://www.ispdados.rj.gov.br/SiteIsp/SegurancaEmNumeros2018.pdf> Consultado em 22/12/2018]

Portal CNJ (2015) Notícias. Disponível em <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/audiencia-de-custodia/noticias/32/> Consultado em 22/12/2018

Silva Sánchez, Jesús-Maria. *La Expansión del Derecho Penal: Aspectos de la Política Criminal en las Sociedades Postindustriales*. 1. ed. Madrid: Ci/vitas, 1999

Silva, Géilson Ferreira (2011) *Considerações sobre criminalidade: marginalização, medo e mitos no Brasil* Geélison Ferreira da Silva Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo Ano 5 Edição 8 Fev/Mar 2011

Zaluar, Alba e Ribeiro, Ana Paula Alves (2009) *Teoria da eficácia coletiva e violência. O paradoxo do subúrbio carioca*. Novos Estudos.

Diagnóstico Local de Segurança (DLS) na Região Oceânica de Niterói/RJ

Anexos

Relatório por área	Escolha a área Município		Escolher área Niterói			
	janeiro-maio			maio		
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação
Indicadores Estratégicos: Letalidade violenta	63	96	33 (52.4%)	11	19	8
Indicadores Estratégicos: Roubo de rua	2.284	1.754	-530 (-23.2%)	474	346	-128 (-27.0%)
Indicadores Estratégicos: Roubo de veículo	954	806	-148 (-15.5%)	169	138	-31 (-18.3%)
Homicídio doloso	48	42	-6	6	14	8
Lesão corporal seguida de morte	1	2	1	1	0	-1
Latrocínio (roubo seguido de morte)	2	1	-1	1	0	-1
Morte por intervenção de agente do Estado	12	51	39 (325.0%)	3	5	2
Policiais Civis mortos em serviço	0	0	0	0	0	0
Policiais Militares mortos em serviço	0	0	0	0	0	0
Homicídio culposo (trânsito)	27	19	-8	8	3	-5
Tentativa de homicídio	43	119	76 (176.7%)	12	19	7
Estupro	52	68	16 (30.8%)	4	12	8
Roubo a banco	0	0	0	0	0	0
Roubo a estabelecimento comercial	240	106	-134 (-55.8%)	48	20	-28
Roubo a residência	34	40	6	6	7	1
Roubo a transeunte	1.724	1.388	-336 (-19.5%)	356	271	-85 (-23.9%)
Roubo após saque em instituição financeira	11	12	1	3	2	-1
Roubo com condução da vítima para saque em instituição financeira	0	3	3	0	1	1
Roubo de aparelho celular	409	301	-108 (-26.4%)	84	60	-24 (-28.6%)
Roubo de bicicleta	3	4	1	0	1	1
Roubo de caixa eletrônico	1	2	1	1	0	-1
Roubo de carga	92	88	-4 (-4.3%)	18	11	-7
Roubo de veículo	954	806	-148 (-15.5%)	169	138	-31 (-18.3%)
Roubo em coletivo	151	65	-86 (-57.0%)	34	15	-19
Outros roubos que não os listados acima	440	327	-113 (-25.7%)	90	58	-32 (-35.6%)
Total de roubos	4.062	3.142	-920 (-22.6%)	809	584	-225 (-27.8%)